

A NECESSIDADE DE ATIVIDADES LÚDICAS NO EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

THE NEED FOR PLAYFUL ACTIVITIES IN THE EDUCATION OF YOUNG PEOPLE AND ADULTS

LA NECESIDAD DE ACTIVIDADES LÚDICAS EN LA EDUCACIÓN DE JÓVENES Y ADULTOS

Gleide Jesus de Souza Santos¹
Alexandra Moreno Pinho²

RESUMO: Através de uma revisão bibliográfica, o presente artigo analisou a necessidade do fomento de atividades lúdicas no cotidiano escolar da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A valorização do lúdico, nesta modalidade de ensino, é um aspecto essencial para a motivação e compreensão do aluno, no seu processo de letramento e alfabetização. As estratégias e atividades lúdicas na EJA relacionam-se com a valorização cultural proveniente do contexto de vida de cada pessoa participante do processo e de aspectos que colaboram na associação dos conteúdos estudados dentro da sala de aula. Observa-se que existe uma carência de formação para atuar na EJA e que professores e profissionais da educação necessitam continuar apostando em estratégias que valorizem o lúdico, os aspectos culturais e ações democráticas, para que a educação seja um ato transformador no Brasil.

590

Palavras-chave: Atividades Lúdicas. EJA. Valorização Cultural. Ações Democráticas.

ABSTRACT: Through a bibliographical review, this article analyzed the need to promote playful activities in the daily school life of Youth and Adult Education (EJA). The appreciation of play, in this teaching modality, is an essential aspect for the student's motivation and understanding, in their literacy and literacy process. The strategies and playful activities at EJA are related to the cultural appreciation arising from the life context of each person participating in the process and aspects that contribute to the association of the contents studied within the classroom. It is observed that there is a lack of training to work in EJA and that teachers and education professionals need to continue investing in strategies that value play, cultural aspects and democratic actions, so that education is a transformative act in Brazil.

Keywords: Playful Activities. EJA. Cultural Valorization. Democratic Actions.

¹Mestranda da College Educaler University, Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Especialização em Gestão Educacional. Licenciada em Pedagogia .

²Professora e orientadora da College Educaler University. Doutora em Educação (Universidade de Barcelona), Mestre em Terapia Corporal e Psicomotricidade Universidade de Barcelona, Licenciada em Pedagogia UCSAL.

RESUMEN: A través de una revisión bibliográfica, este artículo analizó la necesidad de promover actividades lúdicas en el cotidiano escolar de la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA). La apreciación del juego, en esta modalidad de enseñanza, es un aspecto esencial para la motivación y comprensión del estudiante, en su proceso de alfabetización y alfabetización. Las estrategias y actividades lúdicas en la EJA están relacionadas con la valoración cultural que surge del contexto de vida de cada persona que participa en el proceso y aspectos que contribuyen a la asociación de los contenidos estudiados dentro del aula. Se observa que falta capacitación para actuar en EJA y que docentes y profesionales de la educación necesitan continuar invirtiendo en estrategias que valoren el juego, los aspectos culturales y las acciones democráticas, para que la educación sea un acto transformador en Brasil.

Palabras clave: Actividades Lúdicas. EJA. Valorización Cultural. Acciones Democráticas.

INTRODUÇÃO

A educação tem um papel relevante na construção da sociedade democrática, pois o ato educativo baseado na responsabilidade social, tem por prioridade formar cidadãos capazes de atuarem conforme os constructos de igualdade e respeito à alteridade. A escola é um ambiente formador de pessoas que convivem com a pluralidade, desta forma, a educação tem um papel decisivo e favorável à liberdade de expressão.

Compreende-se educação como uma prática social que motiva outros processos sociais na busca pela construção de uma sociedade democrática, autônoma e inclusiva. Educar é estabelecer princípios para o bem viver das relações humanas e dialógicas, não apenas para priorizar a formação técnico-científica, pronta para servir ao mundo do trabalho. O ambiente educacional e a democracia estabelecem políticas aplicáveis em diferentes problemáticas sociais, as quais são capazes de implicar na melhoria das condições de vida das pessoas, ao mesmo tempo que faz-se necessário proporcionar convivência, representatividade e respeito as singularidades de cada ser humano envolvido.

Sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA), aprovada inicialmente pela LDB 9394/96 (BRASIL 1996) e revista pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação de Jovens e Adultos, Parecer nº 11/2000 (BRASIL 2000), caracteriza-se como modalidade da educação básica correspondente ao atendimento de jovens e adultos que não frequentaram ou não concluíram a educação básica. Ao analisarmos o funcionamento da EJA na atualidade, acredita-se que a escola brasileira necessita refazer e reconstruir sua prática pedagógica, valorizando questões cotidianas do alunado, tornando-se inclusiva de acordo com o contexto contemporâneo.

Isso implica o desenvolvimento de uma consciência que considere limites, abrangência e as suas próprias desigualdades.

MÉTODOS

De acordo com uma revisão bibliográfica sobre o tema, que para Lakatos e Marconi (2001) abrange todas as bibliografias publicadas relacionadas ao interesse da pesquisa, incluindo publicações avulsas, informativos jornais, revistas, livros, estudos, monografias e artigos.

O presente estudo é de caráter qualitativo, o qual concordamos com Gil (1999) quando afirma que diante de um objetivo principal para se desenvolve, se esclarece e revisa conceitos e ideias, com isso surgem perguntas mais objetivas e precisas que proporcionam argumentos para uma compreensão mais ampla.

Dentro deste contexto metodológico, destaca-se que as informação coletadas são originadas de estudos já publicados e ampliadas de acordo com uma análise atualizada do pesquisador.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O espaço escolar constituiu-se a partir de distintos conceitos, em diferentes momentos históricos, configurados em contextos sociais complexos estudados por autores que contribuíram, e contribuem, para reflexões sobre Pedagogia e educação brasileira, com isso mudanças foram conquistadas ao largo do tempo: currículos, métodos de ensino e aprendizagem, posturas e posicionamentos de profissionais da educação.

Porém, mesmo diante a tantas mudanças, conserva-se o conceito básico da escola como sendo um local de aprendizagem que começa nas relações estabelecidas entre as pessoas.

A razão e o sentido da escola é a aprendizagem. O processo de (re) construção do conhecimento é o próprio objetivo do trabalho educativo. Portanto, o centro e o eixo da escola é a aprendizagem, única razão de ser. Todas as atividades dessa instituição só fazem sentido quando centradas na (re) construção do conhecimento, na aprendizagem e na busca. (WITTMANN, KLIPPEL 2010, p.81).

A escola é constituída por diferentes sujeitos, provenientes de diferentes locais e espaços sociais, desta forma, é neste espaço que as diferenças se encontram, sendo necessário uma mediação para que haja compreensão, inclusão, aceitação e aprendizagem.

De acordo com uma gestão democrática que contemple uma participação efetiva dos vários segmentos da comunidade escolar, incluindo neste universo pais, professores, estudantes e funcionários, desde a construção até a avaliação dos projetos pedagógicos, consolida-se com uma mudança de pensamento referente a todos os membros da comunidade.

A democratização da gestão da escola constitui-se numa das tendências atuais mais fortes do sistema educacional, apesar da resistência oferecida pelo corporativismo das organizações de educadores e pela burocracia instalada nos aparelhos de estado, muitas vezes associados na luta contra a inovação educacional (GADOTTI 2006, p.6).

A necessidade de estudar é um ato social próprio do ser humano. Daí surge a vontade de estar e participar do ambiente escolar, interagir com outras pessoas e ter a oportunidade de manter contato com um mundo cultural diferente. Para Vygotsky (1998, p.41):

As funções psicológicas superiores, que são características do ser humano, por um lado, estão ancoradas nas características biológicas da espécie humana e, por outro lado, são desenvolvidas ao longo de sua história social. É o grupo social que fornece o material (signos e instrumentos) que possibilita o desenvolvimento das atividades psicológicas. Isso significa que se deve analisar o reflexo do mundo exterior no mundo interior dos indivíduos a partir da interação destes com a realidade. Para que o indivíduo se constitua como pessoa, é fundamental que ele se insira num determinado ambiente cultural. As mudanças que ocorrem nele, ao longo de seu desenvolvimento, estão ligadas à interação dele com a cultura e a História da sociedade da qual faz parte. Por isso, o aprendizado envolve sempre a interação com outros indivíduos e a interferência direta ou indireta deles.

O modelo de ensino formal, surge quando criou-se situações próprias para o exercício de uma Pedagogia mais específica, a qual produz métodos, estabelece regras, prazos e tempos, constituindo executores especializados e estruturas específicas.

Neste aspecto, a escola objetiva proporcionar educação de caráter intencional e sistemático, através de uma estrutura e organização que são previamente delineadas. Frente a este aspecto, torna-se necessário definir os objetivos que nortearão o alcance efetivo das metas e das propostas elaboradas pelo sistema de ensino, a fim de beneficiar a todos.

A organização da escola é voltada para retratar e valorizar a cultura dominante e reproduzir as estrutura de classes, determinando as relações entre os meios de produção e os trabalhadores, proporcionando uma formação específica para aqueles que serão dominantes e aqueles que serão dominados. Tal hierarquia nasce com o capitalismo, o qual atribui funções estratégicas de acordo com sua lógica e suas necessidades de acúmulo de bens por parte daqueles que dominam.

Constata-se que a maioria das escolas possuem um perfil gerador de exclusão social em relação aos menos favorecidos, elevando o índice de desigualdade social e o aumento das famílias que se encontram em situação de vulnerabilidade.

Mesmo diante das transformações que atualmente ocorrem intensamente no campo educacional, é ingênuo pensar que estas mudanças irão favorecer segmentos sociais que sempre foram considerados excluídos.

No sistema educacional brasileiro torna-se necessário a implementação de políticas públicas mais efetivas, as quais visem uma melhor qualidade de ensino, principalmente no que se refere a EJA. Esta modalidade vem sendo marcada, ao longo da sua trajetória, pela “indefinição, voluntarismo, campanhas emergenciais, soluções conjunturais” (ARROYO, 2011, p. 20).

Com isso evidencia-se uma inconsistência no que tange a qualidade e direcionamento de uma escolarização digna direcionada para pessoas que não tiveram acesso à educação quando crianças.

A EJA é caracterizada por uma diversidade cultural, econômica e social, a qual interfere no espaço educacional e que necessita ser considerada. Segundo Soares Giovanetti e Gomes (2011), tais aspectos constitui-se em um desafio, sendo essencial compreender quem são os sujeitos implicados nesta modalidade, para tecer caminhos e possibilidades de intervenções pedagógicas que sejam apoiadas em políticas públicas que abarquem as condições reais da complexidade referente ao ensino de jovens e adultos no Brasil.

O adulto, ao ser considerado como um sujeito em constante transformação, sendo assim inacabado, precisa ter assegurado o direito público subjetivo à educação, dentro de uma perspectiva que lhe possibilite educar-se através de condições que se efetive ao longo da vida.

Os estudantes da EJA são homens e mulheres que trazem em suas mochilas valores culturais já assimilados e construídos. Esses alunos chegam a sala de aula com um olhar diferente daquele aluno do ensino regular, sendo mais sensível, e ao mesmo tempo, mais observador, curioso, explorador e investigativo (FREIRE 1967).

Apesar dos inúmeros avanços na educação brasileira, ainda há muito a se conquistar no que concerne a EJA, pois as chamadas públicas são praticamente inexistentes, e quando são realizadas, em geral ficam a cargo de cada instituição e não do sistema de ensino. O acesso vem sendo dificultado com a redução, a cada ano, do número de escolas e profissionais destinados para o atendimento à modalidade EJA.

Sobre a falta de profissionais capacitados para o ensino de Jovens e adultos, pontuamos que as interferências realizadas no processo de ensino e aprendizagem podem provocar

mudanças e inovações, incentivadas por professores que fazem de suas práticas pedagógicas os seus objetos de pesquisa. No caso da EJA existe a carência da figura do professor/pesquisador.

Analisando as diretrizes e conjunturas que regem a educação no Brasil em vigor nos últimos dez anos, a EJA vem adquirindo uma nova identidade, marcada pela qualificação profissional, em alguns casos, pela oferta de cursos aligeirados, de curta duração e centralizados nas pessoas que são mais atingidas pelo neoliberalismo e pela acumulação de capital (DIPIERRO, 2005).

Para Ventura (2007), a articulação entre EJA e Educação Profissional é uma marca histórica da realidade educacional brasileira destinada a classe trabalhadora e menos favorecida.

Para Arroyo (2007) a EJA necessita ser uma modalidade específica com configurações, aspectos e objetivos claros que possam ser colocados em prática, de forma efetiva, para que o analfabetismo seja erradicado.

Sobre tal temática, Gadotti e Romão (2011) afirma que o analfabetismo significa pobreza proveniente de uma estrutura erguida a partir das injustiças sociais.

Sem dúvida, o processo de letramento proposto pela EJA ajuda a promover a diminuição do analfabetismo. De acordo com Tfouni (2002, p.9):

A alfabetização refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem. Isso é levado a efeito, em geral, por meio do processo de escolarização e, portanto, da instrução formal. A alfabetização pertence, assim, ao âmbito do individual. O letramento, por sua vez, focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita, entre outros casos, procura estudar e descrever o que ocorre nas sociedades quando adotam um sistema de escrita de maneira restrita ou generalizada; procura ainda saber quais práticas psicossociais substituem as práticas “letradas” em sociedades ágrafas. Desse modo, o letramento tem por objetivo investigar não somente quem é alfabetizado, mas também quem não é alfabetizado, e, nesse sentido, desliga-se de verificar o individual e centraliza-se no social.

Tfouni (2002) argumenta que o ato de alfabetizar existe quando é fomentado nas práticas escolares, na medida em que o educando observa e compreende a falta que a escrita e a leitura lhe faz, na tomada de conhecimento do que se passa ao seu redor. O autor também destaca que o pensamento das pessoas alfabetizadas é preconceituoso por classificar os indivíduos não alfabetizados como incapazes de aprender de forma efetiva, alimentando uma visão hierarquicamente dominante por acreditar que a pessoa que vive em uma sociedade só tem valor se for alfabetizada.

É notório que o ato educativo, transmite valores sociais, culturais, normas e deveres que o indivíduo necessita compreender e respeitar para viver em sociedade. Entende-se que tais transferências são significativas na formação social do ser humano, proporcionando-lhe uma

base sólida para o desenvolvimento do seu caráter desde o nascimento. Desta forma, a ação pedagógica reflete a cultura existente de um grupo social (PINTO, 2010).

Diante das dificuldades encontradas pelos alunos, o professor da EJA deve adotar, em sua prática pedagógica, metodologias que facilitem e estimulem o processo de ensino aprendizagem nos alunos através de ações lúdicas, aulas dinâmicas, explanação com vídeo aulas, visitas de campo, projetos multiprofissionais, entre outras ações. Concordamos com Freire (2007, p 86) quando afirma que o professor necessita incentivar a curiosidade dos alunos:

Antes de qualquer tentativa de discussão de técnicas, de materiais, de métodos para uma aula dinâmica assim, é preciso, indispensável mesmo, que o professor se ache “repousado” no saber de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano. É ela que me faz perguntar, conhecer, atuar, mais perguntar, reconhecer.

Ainda em Freire (2007, p. 27) destaca-se que “o papel do educador não é só ensinar os conteúdos básicos, mas dar oportunidades ao educando tornar-se crítico e através da leitura compreender o que acontece no seu meio, não apenas ler sem um contexto, tornando-se uma leitura mecânica”.

O professor precisa adequar o seu ato pedagógico e a sua forma de ensinar para facilitar e estimular o processo de leitura e escrita de jovens e adultos. Segundo Machado e Nunes (2001, p.55):

O educador da EJA é alguém que precisa ser um leitor de si mesmo, refletindo, sistematicamente, sobre a sua prática, o seu fazer pedagógico; o que sabe e o muito que desconhece, as suas contradições enquanto educador, os seus receios e inseguranças; para que possa vislumbrar as suas faltas e buscar supri-las. É partindo desta leitura, leitura crítica de si, que poderá, em exercício concomitante, executar a leitura do mundo que o cerca.

Tratando-se da importância do lúdico na educação, Negrine (1994) ressalta que é um estímulo significativo para o desenvolvimento global do indivíduo, envolvendo simultaneamente a motricidade, a inteligência, a afetividade e a sociabilidade.

Para Piaget (1971), o lúdico oportuniza a criação, o inventar, o descobrir e o reorganizar de conceitos já conhecidos pelo indivíduo através do brincar. Desta forma, o lúdico contribui na produção de novas estruturas de conhecimento.

Sobre a falta de atividades lúdicas nas salas de aula das escolas brasileiras, que atendem a uma população menos favorecida, é algo que se faz presente na atuação de profissionais da educação.

Apesar dos diversos estudos e ditames pedagógicos que apontam a importância do lúdico no processo de ensino e aprendizagem, observa-se no cotidiano escolar que os professores

alegam a falta de flexibilidade em termos de exigências curriculares e do sistema educacional que visa a aprovação em massa, assim como, a ausência de recursos humanos e materiais didáticos.

Soma-se a esta situação, a formação precária do professorado que desconhecem formas de estimular ações lúdicas para facilitar a assimilação dos conteúdos pedagógicos.

Se tratando da modalidade EJA, esta questão amplia-se devido ao quadro de complexidades existente neste segmento educacional, associado a falta de políticas públicas voltada para um ensino de qualidade.

A ludicidade na modalidade do EJA, não se reduz apenas ao aprendizado através brincadeira e jogos, ela pode ser expandida na colaboração e na interação social dos alunos (OLIVEIRA, 2004).

Neste caso, o lúdico se faz presente na história de vida e na cultura que cada aluno traz para a sala de aula, basta que este conteúdo seja valorizado e abordado dentro da escola, através do conhecimento e da contribuição que a comunidade estudantil possui (FREIRE, 1967).

Uma questão evidente, é que professores e profissionais da EJA necessitam reconhecer a importância da valorização do lúdico no processo de ensino e aprendizagem destes alunos.

Observa-se a falta de recursos nas escolas para desenvolver estratégias lúdica nas salas de aula voltadas a alunos da EJA, sendo assim, faz-se necessário criar formas diferenciadas para estimular o aprendizado integral deste público, considerando o contexto atual da educação brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intensão da abordagem do referido tema é de ascender o interesse por parte dos profissionais da educação, atuantes da EJA, em utilizar práticas que incorporem ações lúdicas geradoras de conhecimentos, diálogo crítico e argumentos oriundos da cultura e das vivências dos próprios alunos, em prol de um processo educativo qualitativamente melhor.

No contexto atual, o desafio é uma educação que viabilize a transformação social e que estimule diferentes circunstâncias para que haja mais aprendizagem na sala de aula, aumentando

a capacidade de intervenção pedagógica na perspectiva de emancipação humana e social, a qual contemple a diversidade cultural existente no território brasileiro.

A educação transformadora não é uma tarefa fácil de ser implantada, pois esta depende de outros aspectos circundantes nas esferas políticas, econômicas e sociais.

No entanto, mesmo diante a inúmeros limites e obstáculos, a educação brasileira vem apresentando inúmeros exemplos, estudos e manifestações provenientes de protagonistas sociais representantes dos diversos lugares, povos e culturas que defendem um mundo plural e justo, onde todos possam exercer o direito de cidadania

Desta forma, observa-se que profissionais e professores responsáveis por diferentes projetos educativos, em especial aos que se referem a EJA, precisam buscar soluções teóricas e práticas que respondam a desafios e criem possibilidades de ampliação para o entendimento do ato educativo, frente as novas configurações emergentes e que assegurem a identidade de cada ser humano participante do ambiente escolar.

De acordo, com o que aqui foi analisado, afirma-se que se faz necessário continuar apostando na criação de estratégias que valorizem o lúdico, os aspectos culturais e ações democráticas, para fomentar uma educação plural, inclusiva e transformadora.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. Juventude, produção cultural e Educação de Jovens e Adultos. In: SOARES, L; GIOVANETTI, M.A; GOMES, N. (org.) **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ARROYO, Miguel. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, L; GIOVANETTI, M.A; GOMES, N. (org.) **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica 2011.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Presidência da Republica/Casa Civil. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br> Acesso: maio 2024

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação e Jovens e Adultos**, Resolução CNE/CEB nº I, de 5 de julho de 2000. Brasília: MEC. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br> . Acesso: maio 2024

DI PIERRO, Maria Clara. Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 92, out. 2005 (p. 1115-1139).

FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 30ª ed.; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

GADOTTI, M. **Pedagogias participativas e qualidade social da educação**. In: BRASIL. Ministério da Educação. Seminário Internacional: Gestão Democrática da Educação e Pedagogias Participativas – caderno de textos. Brasília/D.F, 2006.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José. (org.). **Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta**. São Paulo. Editora Cortez, 2011.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos metodologia científica**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MACHADO, M. B. W.; NUNES, A. L. R. Alfabetização de jovens e adultos: uma reflexão. Educação, **Revista educação**, v. 41, n. 1, jan./abr. 2016.

NEGRINE, A. **Aprendizagem e desenvolvimento infantil**. Porto Alegre: Propil, 1994.

OLIVEIRA, I. B. de; PAIVA, J. (orgs). **Educação de Jovens e Adultos**. Rio de Janeiro: SEPE-RJ, 2004.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança, imitação, jogo, sonho, imagem e representação de jogo**. São Paulo: Zanhar, 1971.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos**. São Paulo. Editora Cortez, 2010.

SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia Gomes de Castro; GOMES, Nilma Lino. **Diálogos na Educação de Jovens e adultos**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

VENTURA, Jaqueline P. **Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores no Brasil: revendo alguns marcos históricos**. RJ: Universidade Federal Fluminense. Disponível <http://www.uff.br/ejatrabalhadores>. Acesso: abril 2024.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WITTMANN, Lauro Carlos; KLIPPEL, Sandra Regina. **A prática da gestão democrática no ambiente escolar**. Curitiba: IBPEX, 2010.